

“Quando você passa, você vê que valeu a pena. É extremamente reconfortante.”

Giovanni Cavalheiro Sementilli fez o Extensivo no período integral e hoje está na Poli, em Engenharia Química. Tinha dificuldades em Humanas e se dedicou especialmente em superar problemas com Português e Geografia. Foi bem nos vestibulares, conseguiu aprovação também na Unicamp e na Unesp. Na Engenharia Química, ainda não tem uma área de especialização, mas seu interesse se volta à pesquisa – “Fico impressionado com alguém descobrindo coisas novas”.

Giovanni Cavalheiro Sementilli
Em 2018: Etapa
Em 2019: Engenharia Química/USP



CURSO – ENGENHARIA QUÍMICA

JV Como foi sua escolha de carreira?

Giovanni Minha cabeça primeiro era focada em Engenharia. Pesquisei e descobri Engenharia Aeronáutica, que era algo diferente, era mais um desafio. Mas depois que entrei no Etapa eu percebi que não queria Engenharia Aeronáutica, só estava me desafiando, e que tinha mais gosto pelos processos da Química em geral. Encontrei duas Engenharias que tinham forte relação com Química: Engenharia Química e Engenharia de Materiais. Descobri que Engenharia Química era mais focada em processos relacionados à indústria e foi onde eu me achei. Troquei a Engenharia Aeronáutica pela Engenharia Química.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei também Unicamp, Unesp e o Enem. Consegui ser aprovado nos três grandes em São Paulo e na Unifei de Itajubá, pelo Enem. Todos para Engenharia Química.

Como você veio estudar no Etapa?

Minha mãe estudou aqui e sempre me deu uma forte inspiração para vir também. Eu me matriculei no Etapa junto com alguns amigos.

Ao terminar o Ensino Médio, você prestou Fuvest direto? Chegou a ir para a 2ª fase?

Sim, e não fui para a 2ª fase. Prestei para Engenharia Aeronáutica e não consegui chegar na nota de corte. Isso até foi bom.

Com essa experiência na Fuvest, com que expectativa você começou a estudar no cursinho?

No princípio eu estava um pouco nervoso, mas conforme o ano passa você vai realmente focando nos estudos e ficando mais confiante.

O que lhe deu essa confiança foi o desempenho nos simulados ou o aproveitamento nas aulas?

Eu diria que minha confiança passou além do simulado, foi progredindo durante as aulas. Quando você começa o ano sem ter uma base muito boa, vai acompanhando as aulas mas não pega toda a matéria. Na metade do ano já está acompanhando. No início tinha aquela dúvida: “Será que o professor está falando português mesmo?”. Depois você vai entendendo e fica até mais divertido acompanhar.

ENTREVISTA ◀

Giovanni Cavalheiro
Sementilli
■ pág. 1

ARTIGO ◀

O suicídio de Vargas
■ pág. 3

(ENTRE PARÊNTESES) ◀

Distribuição de letras
■ pág. 8

SERVIÇO DE VESTIBULAR ◀

Inscrições
■ pág. 8

Você fez Reforço?

Sim, o RPE. É um complemento útil, você checa se realmente entendeu o que foi dado nas aulas e resolve os exercícios junto com o professor e com a turma. Deixa você mais confiante.

Como era sua rotina?

Saía de casa mais ou menos às 6 e meia, chegava no horário da aula e ia até meio-dia e meia. Voltava para as aulas das 2 às 4 horas e depois ainda ficava até uma hora na Sala de Estudos.

Em quais matérias você tinha mais dificuldade?

Principalmente Português e Geografia. De vez em quando eu ia ao plantão de Português, Geografia, História, Filosofia e Sociologia; mas principalmente de Português e Geografia. Focava muito em tentar fazer exercício nessas matérias. Fazia isso junto com os plantonistas, até aprender realmente o que era dado nas aulas.

Isso nas matérias de Humanas. E nas de Exatas?

Eu tentava fazer o máximo durante as aulas. O professor fazia um exercício na lousa, eu tentava resolver antes dele, para ver se meu jeito estava certo ou se tinha um jeito mais fácil. Em Exatas eu ia muito raramente aos plantonistas.

Em casa você estudava alguma coisa?

Eu chegava em casa umas 6 e meia e só estudava quando achava que realmente precisava. Eu descansava, me preparava para o dia seguinte.

Você leu as obras literárias indicadas como obrigatórias pela Fuvest e pela Unicamp?

Sim. Eu gostava mais dos livros realistas e intercalava a leitura deles com a leitura dos que para mim eram mais puxados, como *Iracema*. Por exemplo, pegava *Iracema* e depois ia para *O cortiço*.

Você treinava Redação?

Eu tentava fazer a redação semanal. Minha redação não começou boa. Sempre mediana. Minha nota nunca passava de 600, 650. Quando comecei a me dedicar mais, ia ao plantão e perguntava por que minha nota estava baixa. Os plantonistas foram essenciais para minha melhora na redação. Quando fazia uma redação eu sempre tinha em mente o que eles tinham falado. O bom é você pegar o mesmo plantonista, um que já sabe onde você precisa melhorar.

Você teve que abrir mão de alguma atividade no ano passado para se preparar para os vestibulares?

Abri mão dos encontros regulares com os amigos. No 3º ano era minha rotina. Quando cheguei no Etapa, falei: "Vou focar nos estudos mesmo que eu tenha que desistir desses encontros regulares". Mas nunca parei de vez.

O que você fazia para dar uma relaxada?

Eu fazia arte marcial, *taekwondo*, três vezes por semana. Depois do treino voltava para casa renovado.

No ano anterior, quantos pontos você fez na Fuvest?

Quando prestei direto no 3º ano, fiz 60 pontos. Era um início bom, mas como Engenharia Aeronáutica tinha uma nota de corte mais alta, eu não consegui passar para a 2ª fase.

Na Fuvest 2019, qual foi sua pontuação?

Minha nota estourou, foi para 74 com o corte em 58.

Sua pontuação ficou acima do corte da Medicina – 73. O que achou desse resultado?

Foi uma surpresa ótima. Nos simulados as minhas notas máximas eram 70. Ficava sempre em C mais e B. Uma vez só consegui A.

Para a 2ª fase você mudou seu ritmo de estudo?

Foquei mais nas matérias que eu precisava nas duas provas da 2ª fase. Como eu já ia bem nas matérias de Exatas, peguei questões difíceis, que me desafiassem mais. E continuei com as outras matérias para os outros vestibulares.

E para a Redação da 2ª fase da Fuvest?

Passei a fazer duas redações por semana. Pegava temas do Etapa, dos jornais e de provas anteriores para poder treinar.

Na primeira prova da 2ª fase, Português e Redação, qual foi sua nota?

Tirei 78 de 100. Na Redação, 45 de 50.

No segundo dia, das matérias prioritárias para sua carreira – Matemática, Física e Química –, como foi?

Tirei 74,17 no segundo dia. Justamente Química foi a parte que achei mais difícil.

Na escala de zero a 1 000, qual foi sua pontuação na Fuvest?

Foi 773,89.

E a classificação na carreira?

Fiquei em 39º lugar na Engenharia Química.

Na Unicamp, qual foi seu desempenho?

Na Unicamp eu passei para a 2ª fase acertando 70. Fiquei em 78º lugar, entrei no curso de Engenharia Química noturno.

Você já conhecia a Poli?

Eu já tinha entrado na USP com minha família, visitando os museus, o Instituto Butantan, mas nunca fui lá para conhecer a Poli. Só conheci o prédio e o curso pela internet e pelo que meus amigos que já tinham entrado lá falavam. Diretamente, só conheci na Semana de Recepção.

Que matérias você teve no primeiro semestre?

No primeiro semestre eu tive matérias do ciclo básico de Engenharia: Cálculo, Álgebra Linear, Física e algumas introduções a partes específicas do curso. Tive Química Inorgânica, uma coisa extremamente importante para Engenharia Química, e Introdução, que é comum a todas as Engenharias.

Você está participando de alguma atividade extra da Poli?

Eu participo do Centro Acadêmico. Toda Engenharia da Poli tem seu Centro Acadêmico específico. O da Engenharia Química tem um curso que ajuda o pessoal a conseguir estágio. Foi onde eu me integrei mais. O Centro Acadêmico é mais uma segunda casa. É também um lugar de descanso e relaxamento.

Você tem ideia da área que pretende seguir na Engenharia Química?

Engenharia Química abrange uma área extremamente grande. Você pode seguir desde mercado financeiro até construir parques industriais gigantes. Eu entrei tentando buscar algo que gostaria de fazer. É preciso ver todas as partes primeiro para depois escolher uma. Mas estou realmente sendo bem chamado para a área de pesquisa. Acho que a área de pesquisa em Engenharia Química me realiza. Fico impressionado com alguém descobrindo coisas novas.

Você já está buscando alguma coisa nesse sentido?

Tem a Iniciação Científica. Tem também um grupo de extensão, o Poli Júnior, que é basicamente uma empresa de pesquisa. Se você quiser tem sempre um caminho de pesquisa liberado para você seguir. Ele está lá aberto para você o tempo todo.

O que você mais gostou na Poli, seja na parte humana, seja na parte de infraestrutura?

Eu gosto da parte humana da Poli. Antes de entrar lá você tem uma ideia de que a Poli é um lugar muito focado em criar engenheiros. Mas é diferente disso. Ela abrange cultura, tem grupo social que vai fazer projetos em cidades do interior, é um lugar voltado muito para a característica humana. Na parte física, eu diria que a Poli tem a melhor estrutura da USP. É o lugar que tem mais foco em pesquisa, em formação de pessoas, com prédios para cada Engenharia.

Como fica marcado para você o ano passado?

Foi um ano muito puxado, muito denso, de esforço, de sacrifício. Mas quando acaba vem a satisfação. Quando você passa, você vê que valeu a pena. É extremamente reconfortante.

Você tem saudades de alguma coisa do ano passado aqui?

Eu gostava do ambiente, extremamente aconchegante. Você chegava e via seus amigos. Eu sinto muita falta daqueles momentos.

Que dicas você pode dar a quem vai encarar os vestibulares no final deste ano?

Eu diria que o importante é não deixar essa pressão mexer com a sua cabeça. Se deixar que os estudos sejam a única coisa que existe na sua vida neste final do ano, você vai se cansar demais. Faça o que você consegue fazer. Se passar disso, em vez de melhorar você pode cair. Você tem que manter o seu ritmo.

O que você diria a quem tentou no ano passado, não entrou e vai prestar de novo?

Se não passou na primeira vez, não quer dizer que não vai conseguir agora. É tudo uma questão de encontrar o seu tempo. Você chega lá.

O suicídio de Vargas

A morte de Getúlio Vargas assinala o fim de um ciclo histórico da política brasileira. Presidente e ditador, de 1930 a 1945, Vargas voltara ao poder, em 1950, para um novo mandato, que seria marcado pela intranquilidade, por conspirações, por escândalos também. Estes acabariam por afogá-lo no que ele próprio chamava "um mar de lama", descoberto nos porões do Palácio do Catete. Porões em que reinava o "tenente" Gregório, chefe da guarda pessoal de Getúlio. Abalada a confiança no governo, o presidente foi coagido a renunciar. Negou-se a sair sem honra. Hélio Silva conta aqui os acontecimentos da tensa noite de 24 de agosto de 1954 e o seu trágico desfecho.

Foi há anos, mas o tempo não conta. O dia 24 de agosto de 1954 é uma data ímpar, assinalando o mais trágico desfecho da vida de um presidente da República. Esse presidente chamava-se Getúlio Dornelles Vargas. Chegara à chefia da nação, na crista da única revolução vitoriosa da velha República, a 24 de outubro de 1930. Duas vezes, foi eleito presidente constitucional: em 1934, pela Assembleia Nacional Constituinte; em 1950, pela maioria do povo, em sufrágio direto. Por largo período, deteve em suas mãos o poder ditatorial. E envelhecera. Ou melhor, amadurecera no exílio em sua própria terra, na estância de Santos Reis, onde vivera a infância e se preparara para a nova, segunda e última presidência.

Dos maiores da nossa história

O mês de agosto não fora favorável a Vargas. O processo revolucionário brasileiro, que o trouxera na crista da sua onda, 24 anos atrás, novamente o elevava acima de todos, em uma evidência perigosa. Porque não são os homens que fazem os acontecimentos. Nem mesmo esses, como Vargas, que escrevem a história, antes que ela os descreva, porque nela deixam a marca indelével. Na verdade, Vargas é um dos maiores personagens da história brasileira. O gênio político que lidera todas as correntes, durante 20 anos. Mesmo aquelas que se lhe opõem e, contudo, sofrem a pressão de sua vontade.

Em agosto de 1954 será Vargas a grande figura e os acontecimentos gravitarão em torno dele, numa constelação.

A segunda presidência Vargas é o período mais importante de seu longo domínio da política brasileira. Sua intuição prodigiosa, a acuidade que o fez se antecipar aos fatos, tantas vezes, tinha preparado o solitário de Itu para afirmar a linha nacionalista, exatamente quando o nacionalismo começava a aparecer no cenário mundial.

As circunstâncias em que se desenvolve a crise do mundo moderno e, dentro dela, a revolução brasileira, merecem um estudo mais profundo. A conduta dos militares na política brasileira, a formação de duas correntes, no seio do Exército, a partir da Segunda Guerra Mundial, estão a reclamar uma análise que remonte ao Primeiro Cinco de Julho e alcance março de 64, através dos golpes e contragolpes de 45, 54, 55, 61. A Guerra Fria, a bipolarização econômica e o choque dos dois imperialismos, russo e norte-americano, também apresentam conotações importantes com o que aconteceu no Palácio do Catete, na manhã de 24 de agosto de 1954. Desta vez, porém, será o fato, apenas o fato, em sua grandiosidade de tragédia grega, para evidenciar que em todas as fases da história, na sucessão das teorias e nos choques dos interesses, há um valor constante, um só, sem o qual os acontecimentos não teriam repercussão, efeitos, reflexos, consequências – o homem.